



<https://lgbtqi.ubi.pt/>

16 de maio de 2025

Universidade da Beira Interior

Covilhã - Portugal

LIVRO DE RESUMOS
BOOK OF ABSTRACTS
LIBRO DE RESÚMENES

Editores:

Henrique Pereira

Felipe Alckmin-Carvalho

APRESENTAÇÃO

PRESENTATION

PRESENTACIÓN

O 2º Seminário Internacional – Interdisciplinar a Visibilidade LGBTQI+ teve lugar na Universidade da Beira Interior (UBI, Covilhã – Portugal) no momento da celebração do dia mundial de luta contra a homofobia. Teve como objetivo principal criar um fórum de partilha de contributos científicos e sociais em diferentes disciplinas aplicadas ao estudo das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexo, etc., criando, no seio da UBI, uma oportunidade para discutir temas atuais, promovendo a diminuição da distância entre investigação científica na área LGBTQIA+ e as comunidades ubiana, local, regional, nacional e internacional. Estiveram representadas várias disciplinas, todas elas contribuindo para a construção de um conhecimento partilhado.

The 2nd International Seminar – Interdisciplinary LGBTQI+ Visibility took place at the University of Beira Interior (UBI, Covilhã – Portugal) at the time of the celebration of World Day to combat homophobia. Its main objective was to create a forum for sharing scientific and social contributions in different disciplines applied to the study of lesbian, gay, bisexual, trans, queer, intersex people, etc., creating, within UBI, an opportunity to discuss current topics, promoting the reduction of the distance between scientific research in the LGBTQIA+ area and the urban, local, regional, national and international communities. Various disciplines were represented, all contributing to the construction of shared knowledge.

El 1er Seminario Internacional – Visibilidad Interdisciplinaria LGBTQI+ tuvo lugar en la Universidad de Beira Interior (UBI, Covilhã – Portugal) en el momento de la celebración del día mundial de lucha contra la homofobia. Su principal objetivo fue crear un foro para compartir contribuciones científicas y sociales en diferentes disciplinas aplicadas al estudio de las personas lesbianas, gays, bisexuales, trans, queer, intersex, etc., creando, dentro de la universidad, una oportunidad para discutir temas de actualidad, promoviendo la reducción de la distancia entre la investigación científica en el ámbito LGBTQIA+ y las comunidades urbanas, locales, regionales, nacionales e internacionales. Estuvieron representadas diversas disciplinas, todas ellas contribuyendo a la construcción de conocimiento compartido.

COMISSÃO CIENTÍFICA

Henrique Pereira (Universidade da Beira Interior)

Felipe Alckmin-Carvalho (Universidade da Beira Interior)

Catarina Sales (Universidade da Beira Interior)

Pedro Costa (Universidade do Porto)

Sandra Saleiro (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa)

Sofia Neves (Universidade da Maia)

Ana Cristina Santos (Universidade de Coimbra)

António Fernando Cascais (Universidade Nova de Lisboa)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Henrique Pereira

Felipe Alckmin-Carvalho

António Oliveira

Madalena Cruz

Ana Beatriz

Marcela Vieira

Grupo ELO – Coletivo de Estudantes LGBTQIA+ na UBI

Lista de contributos / List of contributions / Lista de contribuciones

- 1 Design da informação e género: representações visuais e a construção de estereótipos
- 2 Cidadania trans no processo clínico de afirmação de género
- 3 Um olhar (Trans)formador sobre a Menopausa
- 4 (Re)conhecendo uma rede de atenção à saúde no Rio de Janeiro, Brasil para Infância e adolescência trans
- 5 Será o Podcast jornalístico em Portugal um espaço para a visibilidade LGBTQIA+?
- 6 Determinantes Psicossociais da Saúde Ocupacional pelas lentes da Identidade de Género e da Orientação Sexual
- 7 Parentalidade em Pessoas e Famílias LGBTQIA+: Implicações para o Bem-Estar Psicológico de Crianças concebidas por Tecnologias de Reprodução Assistida
- 8 “Não quero morrer a ensinar”: Perspetivas de envelhecimento de pessoas LGBTQ+ com mais de 50 anos em Portugal
- 9 Ser Trans em Portugal: Reconhecimento, Direitos e Barreiras Sociais
- 10 Televisão Queer: perspetivas da comunidade LGBTQ+ em relação à sua representação na televisão portuguesa
- 11 “Cada Passo Traz uma Nova Ansiedade”: Trajetórias Laborais de Mulheres Trans em Portugal e Implicações para a Saúde Mental
- 12 “São Muitos Armários para Sair Nesta Vida”: Vivências de Homens Gays Brasileiros com HIV no Momento do Diagnóstico e Seus Impactos Biopsicossociais
- 13 Atividade Física, Ansiedade, Depressão e Imagem Corporal em Indivíduos Trans: Um Estudo Exploratório
- 14 Género e Geração: Que Representações face às Famílias de Casais do mesmo Sexo?
- 15 Atitudes da ICAR face à Homossexualidade: das franciscanas bipolaridades ao Encantamento e à Síndrome de Estocolmo da comunidade LGBTQIA+
- 16 Competências do enfermeiro para a prestação de cuidados à Pessoa Transgénero: Dados preliminares
- 17 ‘Happy to see the inclusivity’: Heterosexual university students’ perceptions of Pride symbols on campus
- 18 Identidades Trans nas Prisões Portuguesas: Desafios, Políticas e Resultados Iniciais
- 19 Fatores relacionados com a satisfação sexual em pessoas LGB+: qual o papel da insatisfação corporal e da distração cognitiva durante a atividade sexual?
- 20 Homonegatividade percebida e sofrimento psicológico de homens gays no Brasil: a cor da pele importa?
- 21 Um olhar interseccional sobre pessoas LGBTQIA+ cristãs e ex-cristãs em Portugal: Desocultar e visibilizar
- 22 Efeitos paradoxais da SIDA na representação social dos homossexuais: uma leitura analítica de campanhas publicitárias comerciais e institucionais
- 23 Alianças transfeministas num terreno marcado pelo uso de drogas e o trabalho sexual - Uma abordagem etnográfica
- 24 Saúde Mental e estudantes LGBTQIA+ inscrito/as no ensino superior do interior de Portugal
- 25 Como o Orgulho Gay Protege a Saúde Mental de Homens Gays e Impulsiona a Mudança Social

1.

Design da informação e gênero: representações visuais e a construção de estereótipos

Thais Longaray

LabCom / Universidade da Beira Interior

longarayt@gmail.com

O design da informação é responsável por transformar dados em informação e informação em comunicação (Black et al., 2017). A atividade, no entanto, pode ir além da apresentação de dados e promover interpretações do mundo e da sociedade sob novas óticas (Hall & Dávila, 2023), visto que é responsável por facilitar o acesso visual àquilo que é difícil de compreender (Tufte, 1997). Historicamente, as representações visuais aplicadas aos materiais gráficos seguem padrões que consolidam alguns corpos como universais, marginalizando outras identidades que escapam à lógica binária (Durán et al., 2020). Nesse sentido, este estudo explora como a subárea do design gráfico participa da manutenção das normatividades, traçando um paralelo entre a história do design da informação e os estudos de gênero. A pesquisa se propõe a fazer uma revisão crítica das convenções utilizadas na ilustração e na visualização de dados, evidenciando como normas de gênero são incorporadas em estruturas informacionais e quais são os seus impactos. Ao examinar representações históricas e contemporâneas, este trabalho busca evidenciar estratégias para a desconstrução desses modelos e ampliar possibilidades de representação visual. Dessa forma, esta proposta contribui com a redução das invisibilidades que assolam as pessoas LGBTQIA+, ressaltando a necessidade de repensar o papel do design da informação na formulação de imaginários que reforçam ou desafiam normas de gênero.

2.

Cidadania trans no processo clínico de afirmação de género

Vânia Cláudia da Graça Cavacas Pires

ISCTE-IUL

vaniacavacas42@gmail.com

vcgcp@iscte-iul.pt

Num contexto em que a afirmação de género continua a ser um desafio no acesso e na qualidade dos cuidados de saúde em Portugal, esta comunicação resulta de uma pesquisa de doutoramento cujo objetivo é compreender as abordagens adotadas pelas equipas clínicas no atendimento a pessoas trans, do ponto de vista destas, identificando os fatores que influenciam a cidadania dessas pessoas no processo de afirmação de género. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas a 30 pessoas trans em processo de afirmação de género, entre janeiro e abril de 2025, com uma amostra não probabilística por conveniência. Serão apresentados resultados preliminares derivados de uma análise de conteúdo, que fornecem uma visão inicial sobre os desafios e percepções relativas aos cuidados de saúde prestados a estas pessoas. Este estudo, ainda em execução, foca dimensões cruciais na avaliação da qualidade dos serviços de saúde, com ênfase na eficácia, humanização e acessibilidade do atendimento. Analisa também a percepção dos pacientes sobre o acesso aos cuidados e identifica áreas de melhoria nos processos existentes. A investigação examina a inclusão e o respeito pela identidade de género, especialmente durante a transição, e a aplicação de práticas inclusivas pelos profissionais de saúde. Complementarmente, avalia-se o papel do Estado e da comunidade na promoção de políticas públicas que assegurem um sistema de saúde equitativo, respeitando a dignidade de todos. Este estudo visa contribuir para uma reflexão crítica sobre a qualidade e a equidade dos cuidados de saúde, particularmente no que respeita à diversidade e inclusão. Os resultados finais proporcionarão uma análise aprofundada da experiência e cidadania trans no processo clínico, com implicações para o avanço científico e o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e eficazes.

3.

Um olhar (Trans)formador sobre a Menopausa

Maria Manuela Pinto Barros, Estefânia Silva, Ariana Correia

Universidade da Maia - Departamento de Ciências Sociais e do Comportamento

mmanuela.cti@gmail.com

O presente estudo teve como objetivo explorar o conhecimento e possíveis impactos da menopausa na comunidade transgénero (trans) e não binária (NB) em Portugal, caracterizando o acesso e a qualidade dos serviços de saúde neste âmbito. Entre fevereiro e maio de 2024, foram recolhidas um total de 76 respostas que forneceram informações sobre as experiências e necessidades desta comunidade em relação à menopausa. Os resultados evidenciam que a esmagadora maioria (n= 97.4%) das pessoas participantes realça a necessidade de obter informações específicas sobre a menopausa, expressando preferência pelo acesso a essas informações a partir da via online. Metade das pessoas participantes sente-se impreparada para lidar com os sintomas da menopausa, destacando uma necessidade premente de apoio e recursos específicos. Além disso, os resultados apontam para a falta de serviços de saúde inclusivos e preparados para esta população neste contexto. Embora os resultados evidenciem um nível moderado de cuidados de saúde gerais, a amostra recolhida apresenta uma média de idades de 27.22 anos, o que corresponde a uma população transgénero (n= 41) e não binária (n= 34) jovem, da qual apenas uma pequena percentagem (7.9%) procurou cuidados de saúde específicos para questões relacionadas com a menopausa. Os resultados do estudo constituem um argumento convincente para o desenvolvimento de recursos, redes de apoio e serviços de saúde inclusivos para atender às necessidades únicas das pessoas trans e/ou não binárias que enfrentam a menopausa. Os conhecimentos obtidos neste estudo servem como um apelo crucial à ação, para que os/as prestadores/as de cuidados de saúde, os/as decisores/as políticos/as e as organizações de apoio priorizem e melhorem o apoio disponível para este grupo demográfico.

4.

(Re)conhecendo uma rede de atenção à saúde no Rio de Janeiro, Brasil para Infância e adolescência trans

Carlos Renato Alves-da-Silva

Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira - Fiocruz (Brasil)

Paula Gaudenzi

Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira - Fiocruz (Brasil)

Liliana Rodrigues

Centro de Psicologia da Universidade do Porto (Portugal)

carlos-renato.silva@fiocruz.br

renatoleoa@gmail.com

Introdução: No Brasil a atenção e a assistência à saúde pública seguem os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), implantado em 1990: universalidade, integralidade e equidade, ou seja, um sistema de saúde que objetiva garantir a saúde à toda população brasileira. Nesse contexto político e histórico, a saúde da população de pessoas travestis e transexuais somente ganhou visibilidade em 1997 por meio do Conselho Federal de Medicina, passando pela incorporação de diversos procedimentos ambulatoriais e cirúrgicos no SUS em 2008, e suas atualizações nos anos seguintes. Há dificuldades em se identificar ao longo da história, seja antes de 1997 ou até mesmo depois, os serviços de saúde que realizam assistência à saúde para a população trans no Brasil. Em 2024, o PAES Pop Trans (Programa de Atenção Especializada à Saúde da População Trans) foi anunciado pelo Ministério da Saúde, tendo como objetivo ampliar o atendimento a pessoas transsexuais no Sistema Único de Saúde (SUS). Na cidade do Rio de Janeiro há atualmente três serviços de saúde especializados habilitados pelo Ministério da Saúde, e cadastrados no SUS para o atendimento de pessoas travestis e transexuais. São eles: o Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia Luiz Capriglione (IEDE), Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) e Hospital Universitário Gaffrée Guinle. Entretanto, apenas uma destas unidades de saúde realiza atendimentos para crianças e adolescentes: o Ambulatório Identidade Transdiversidade, da Policlínica Piquet Carneiro (PCC), do complexo de saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O Objetivo desse estudo é descrever e analisar a assistência e a atenção à saúde em um ambulatório especializado em saúde para CAET na cidade do Rio de Janeiro, bem como realizar o diagnóstico situacional para o mapeamento de uma possível rede de atenção à saúde no Estado do Rio de Janeiro. Metodologia: A pesquisa é exploratória de caráter documental e descritiva que adotará

métodos quali-quantitativos, utilizando como campo dessa pesquisa, o ambulatório especializado para crianças e adolescentes trans: o Ambulatório Identidade Transdiversidade, da Policlínica Piquet Carneiro (PCC), localizado na cidade do Rio de Janeiro. Outros possíveis campos de pesquisas serão identificados por meio dos Centros de Cidadania LGBT do Estado do Rio de Janeiro. Será elaborado um questionário com questões fechadas relativas ao perfil socioeconômico dos usuários (responsáveis pelas crianças ou adolescentes), e outro questionário para traçar o perfil social e técnico profissional dos profissionais que atuam no serviço especializado em estudo, a serem aplicados no momento das entrevistas. Esta pesquisa também realizará entrevistas abertas aos usuários (somente com seus responsáveis legais) cujo objetivo é conhecer os seus respectivos itinerários terapêuticos, ou seja, como chegaram nesse ambulatório especializado. Os dados dos questionários do perfil socioeconômico dos usuários, e do perfil social e técnico dos profissionais de saúde e de outras áreas profissionais serão tratados pelo programa estatístico JASP (Jeffrey's Amazing Statistics Program) versão 0.17.1.0. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFF/Fiocruz sob registro CAE nº 86054124.6.0000.5269. Resultados esperados: Espera-se realizar um diagnóstico situacional por meio da identificação e descrição dos serviços de saúde selecionados no estudo, desvelando como esses serviços foram criados, estruturados e mantidos pelo SUS ou outra fonte de financiamento. Um dos resultados esperados está no conhecimento dos itinerários terapêuticos dos usuários entrevistados, no sentido de compreender melhor as fragilidades, ameaças e oportunidades encontradas no acesso a esse serviço de saúde, bem como descrever as linhas de cuidados à saúde desses serviços de saúde e analisar as demandas à saúde ofertadas e as não atendidas por esse serviço especializado à luz de seus usuários.

5.

Será o Podcast jornalístico em Portugal um espaço para a visibilidade LGBTQIA+?

Rodrigo de Castro Resende

LabCom / Universidade da Beira Interior

rcaresende@gmail.com

As questões da visibilidade, reconhecimento e da busca de direitos pela população LGBTQIA+ passam pela presença na mídia, seja ao contar suas histórias, mostrar seus problemas ou evidenciar a busca por direitos. Esse trabalho analisa um tipo específico de conteúdo, os podcasts, a partir da seguinte questão: qual o lugar da população LGBTQIA+ nos podcasts portugueses? A partir de uma análise de conteúdo, foi feita uma busca exploratória sobre o tema em três podcasts jornalísticos portugueses diários publicados no ano de 2024, em um total de 754 edições. Os podcasts jornalísticos analisados são: A história do dia; P24; e Expresso da Manhã. A partir da análise dos títulos de cada podcast e do texto explicativo publicado junto ao áudio foi verificado que apenas 2 episódios durante o ano de 2024 trataram de alguma forma de temas ligados à população LGBTQIA+, o que demonstra a invisibilidade do tema nesta categoria de podcasts. Em contraponto, analisa-se também o sucesso de um podcast jornalístico narrativo, “Violeta”, produzido pela rádio TSF. Violeta conta em sete episódios a história de uma mulher trans romena imigrante em Portugal. A série foi publicada no final de 2023 e a partir daí seguiu uma trajetória de sucesso marcada por diversos prêmios jornalísticos como o Prêmio AMI de jornalismo contra a indiferença em 2024; Prêmio PODES de jornalismo em 2025; Prêmio Jornalismo Direitos Humanos e Integração na categoria Rádio em 2024; e ainda a classificação como finalista no Prêmio Gabriel García Márquez em 2024 na categoria áudio. Conclui-se assim que, se no jornalismo diário nos podcasts portugueses os temas LGBTQIA+ apresenta aparente invisibilidade, no caso de produtos mais elaborados e com maior produção e tempo de duração, caso de “Violeta”, abre-se uma oportunidade para a discussão mais aprofundada da temática.

6.

Determinantes Psicossociais da Saúde Ocupacional pelas lentes da Identidade de Género e da Orientação Sexual

António Oliveira^{1,2}, Iara Teixeira^{1,2}, Felipe Alckmin-Carvalho¹, Henrique Pereira^{1,2,4}

1) Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal 2) Centro de Investigação em Ciências do Desporto, Ciências da Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD), 5001-801 Vila Real, Portugal 3) Campus de Gualtar, Universidade do Minho, 4710-057 Braga, Portugal 4) RISE-Health, Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal

antonio.oliveira@ubi.pt

Compreender os determinantes da saúde ocupacional de populações específicas e as suas vulnerabilidades laborais é fundamental para o desenvolvimento de intervenções psicossociais mais eficazes. Este estudo teve como objetivos: (1) explorar as diferenças na saúde ocupacional entre grupos de homens e mulheres, bem como entre indivíduos heterossexuais e LGBTQIA+ residentes em Portugal; (2) avaliar se a pertença a grupos LGBTQIA+ ou o facto de ser mulher predizem uma pior saúde ocupacional; e (3) analisar as diferenças na frequência de absentismo e os possíveis preditores com base na orientação sexual e no género. Trata-se de um estudo quantitativo de natureza transversal, que envolveu 577 participantes a viver e a trabalhar em Portugal (idade média: 41,62 anos; DP = 11,41). Para a avaliação da saúde ocupacional, foi utilizado o *Copenhagen Psychosocial Questionnaire* (COPSOQ III — Versão Intermédia). Os resultados revelaram que mulheres e indivíduos LGBTQIA+ apresentaram uma pior saúde ocupacional em comparação com homens e indivíduos heterossexuais, sendo estas discrepâncias particularmente acentuadas nos indicadores de saúde mental entre os participantes LGBTQIA+. Verificou-se que o género e a orientação sexual exercem efeitos modestos, mas estatisticamente significativos sobre a saúde ocupacional. A frequência de absentismo foi mais elevada entre as mulheres. Os dados sugerem progressos na saúde ocupacional das mulheres em Portugal, ainda que sem uma efetiva igualdade de género, o que aponta para a existência de aspetos que carecem de melhoria. Os resultados evidenciam ainda a persistência do estigma associado à diversidade sexual e os seus efeitos na saúde ocupacional das pessoas LGBTQIA+, reforçando a necessidade de implementação de políticas laborais mais inclusivas no contexto português.

7.

Parentalidade em Pessoas e Famílias LGBTQIA+: Implicações para o Bem-Estar Psicológico de Crianças concebidas por Tecnologias de Reprodução Assistida

António Oliveira^{1,2}, Henrique Pereira^{1,2}

1 Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, Edifício IV, 6200-209 Covilhã, Portugal 2 Centro de Investigação em Ciências do Desporto, Ciências da Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD), 5001-801 Vila Real, Portugal

antonio.oliveira@ubi.pt

Os avanços nas Tecnologias de Reprodução Assistida (TRA) têm permitido uma crescente diversidade de constituição familiar, possibilitando que pessoas e casais LGBTQIA+ realizem os seus projetos de parentalidade. Esta realidade emergente exige uma investigação aprofundada que permita compreender não apenas as experiências parentais destes indivíduos, mas também os impactos que as aspirações e os projetos parentais podem ter no desenvolvimento psicológico das crianças concebidas através de TRA. O presente estudo propõe-se a examinar, de forma integrada, as vivências e expectativas parentais famílias LGBTQIA+ e cisheterossexuais, bem como a avaliar os impactos dessas vivências no bem-estar infantil. O plano de investigação compreende múltiplos estudos com abordagens metodológicas diversas, incluindo a análise das atitudes e conhecimentos da população geral sobre TRA em Portugal, a exploração dos percursos reprodutivos e projetos parentais LGBTQIA+, e a avaliação do impacto destas realidades familiares no bem-estar psicológico das crianças. Os resultados esperados pretendem contribuir para a produção científica, o apoio para o desenvolvimento de políticas públicas inclusivas e a criação de recursos orientadores que promovam contextos familiares e sociais mais equitativos e acolhedores.

8.

“Não quero morrer a ensinar”: Perspetivas de envelhecimento de pessoas LGBTQ+ com mais de 50 anos em Portugal

Catarina Marques Taborda, Amélia Maria Cavaca Augusto

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade da Beira Interior

Mestrado em Sociologia: Exclusões e Políticas Sociais.

catarina.m.taborda@gmail.com

Não obstante a sua jovem democracia, Portugal tem subido no ranking de legislação igualitária, no contexto europeu. Apesar disso, são ainda várias as formas de discriminação presentes nas vidas de pessoas LGBTQ+ com mais de 50 anos, que conviveram com o período da criminalização, invisibilização e patologização da sua existência. Esta discriminação, enraizada nas normas sociais que indicam a cis heteronormatividade como o caminho a seguir, impacta a saúde e bem-estar de pessoas LGBTQ+ idosas, que, por vezes, são levadas a “regressar ao armário” para receber cuidados na velhice. Ainda assim, não existem em Portugal respostas sociais dirigidas à população idosa LGBTQ+. Esta dissertação procura conhecer as perspetivas de envelhecimento de pessoas LGBTQ+ com mais de 50 anos em Portugal, enquanto explora os seus processos de autodescoberta, o experienciar de discriminação, a sua relação com os serviços de saúde, as suas redes de cuidados, assim como a sua relação com o movimento associativo LGBTQ+ português. A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, com recurso a entrevistas semiestruturadas, que permitem valorizar a subjetividade das suas vivências e o seu conhecimento, em profundidade. Foram realizadas dez entrevistas, com pessoas LGBTQ+ entre os 51 e os 70 anos de idade, cujo conteúdo transcrito foi posteriormente submetido a uma análise categorial. A presente investigação permitiu conhecer os receios e as necessidades sentidas por pessoas LGBTQ+ com mais de 50 anos em relação ao seu processo de envelhecimento. São apontadas divergências com o atual movimento associativo LGBTQ+ português, assim como mudanças necessárias na prestação de cuidados de saúde a pessoas LGBTQ+ na velhice. E ainda, são desenhadas alternativas aos espaços de cuidados tradicionais existentes em Portugal para pessoas idosas, e nomeadas as condições que as mesmas devem ter para garantir a sua qualidade de vida.

9.

Ser Trans em Portugal: Reconhecimento, Direitos e Barreiras Sociais

Daniel Alexandre dos Santos Morais

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra

danielmorais@ces.uc.pt

Apesar dos avanços legislativos alcançados em Portugal no que diz respeito aos direitos das pessoas trans, a sua efetiva implementação continua a enfrentar múltiplos obstáculos, revelando um desfasamento entre o reconhecimento legal e a realidade vivida por esta população. A Lei n.º 38/2018, que estabelece o direito à autodeterminação da identidade de género e à proteção das características sexuais, representou um marco importante no contexto nacional e europeu. No entanto, persistem dificuldades significativas ao nível da aplicação prática desta legislação. Entre os principais desafios encontram-se a resistência institucional e a falta de formação específica entre profissionais de setores-chave, como a saúde, educação, justiça e administração pública. Estes obstáculos manifestam-se, por exemplo, na inadequada prestação de cuidados de saúde, marcada por falta de protocolos claros e por uma escassez de profissionais qualificados. A nível social, as pessoas trans continuam a enfrentar discriminação, invisibilidade e marginalização, o que dificulta o pleno exercício dos seus direitos. A falta de dados estatísticos robustos e desagregados sobre esta população agrava o problema, dificultando a criação de políticas públicas informadas e eficazes. Adicionalmente, o reconhecimento legal não tem sido acompanhado por uma mudança estrutural nas atitudes sociais, o que limita o impacto transformador da legislação. Neste contexto, a implementação dos direitos trans em Portugal exige não apenas vontade política, mas também um esforço coordenado de sensibilização social, formação profissional e monitorização contínua das políticas públicas, de forma a garantir que os direitos reconhecidos em papel se traduzam em igualdade vivida no quotidiano.

10.

Televisão Queer: perspetivas da comunidade LGBTQ+ em relação à sua representação na televisão portuguesa

Teresa Garrido Teixeira

Universidade do Porto

teresagarridoteixeira@gmail.com

A televisão desempenha um papel crucial na vida das pessoas, não só influenciando as suas opiniões individuais, mas também a cultura popular, uma vez que tem a possibilidade de alcançar grandes audiências. Neste sentido, as representações e histórias de pessoas marginalizadas são cada vez mais importantes. Particularmente pertinente é a representação de pessoas LGBTQ+, que não só serve como forma de representar as suas experiências, mas também, se for feita corretamente, pode desafiar estereótipos e promover a compreensão entre aqueles que não pertencem à comunidade. No entanto, para além da mera visibilidade, estas representações na televisão podem ser um recurso formativo para as próprias pessoas LGBTQ+, especialmente durante a adolescência. À medida que a representação LGBTQ+ continua a crescer a nível internacional – tanto em quantidade como em qualidade – torna-se essencial que as produções nacionais tentem atingir o mesmo objetivo. Assim, este estudo explora as perspetivas da comunidade LGBTQ+ em Portugal relativamente à sua representação em programas de ficção portugueses em canal aberto (RTP, RTP2, SIC e TVI). Para tal foram conduzidas entrevistas semiestruturadas a 7 participantes e posteriormente foi realizado um questionário online onde participaram 70 pessoas. Através destes relatos é possível identificarmos um sentimento comum: a maioria considera rara a representação LGBTQ+ na televisão portuguesa, classificando a existente como pouco diversificada e estereotipada, uma influência que os afetou significativamente enquanto cresciam. Existe uma necessidade de uma representação mais autêntica, inclusiva e respeitosa, associada a uma visão queer interseccional que contribua para uma compreensão mais ampla da complexidade desta comunidade. Consideramos que ao adotar esta abordagem, a televisão poderá tornar-se uma ferramenta ainda mais importante na promoção da diversidade humana, essencialmente relevante numa era marcada por discursos conservadores e reacionários como a que vivemos.

11.

“Cada Passo Traz uma Nova Ansiedade”: Trajetórias Laborais de Mulheres Trans em Portugal e Implicações para a Saúde Mental

Iara Teixeira^{1,2}, Felipe Alckmin-Carvalho², Henrique Pereira^{2,3,4}

1 Centro de Investigação em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal 2 Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal 3 Centro de Investigação em Ciências do Desporto, Ciências da Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD), 5001-801 Vila Real, Portugal 4 RISE-Saúde, Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade da Beira Interior, Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal

iarateixeiraint@gmail.com

Este estudo investigou as experiências laborais de mulheres trans em Portugal e seus impactos na saúde mental. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dez participantes, analisadas por meio de Análise Temática, com base na Teoria do Estresse de Minoria e na Interseccionalidade. Emergiram quatro trajetórias analíticas: (1) Exclusão e Desqualificação, marcada por barreiras no acesso ao emprego formal e experiências de hostilidade no ambiente de trabalho; (2) Estratégias de Sobrevivência e Caminhos Informais, evidenciando o recurso à informalidade e ao trabalho sexual como resposta à exclusão estrutural; (3) Sofrimento e Subjetividade, que revelou impactos emocionais como ansiedade, exaustão e solidão, associados à constante vigilância e exigência de performance; e (4) Redes de Apoio e Possibilidades, destacando o papel central do apoio familiar, terapêutico e comunitário na promoção de resiliência. A maioria das participantes relatou que a transição de gênero implicou o fechamento de oportunidades no mercado de trabalho, com efeitos duradouros sobre sua dignidade e saúde mental. Embora o trabalho possa ser espaço de afirmação de identidade, também emerge como cenário de sofrimento, vigilância e negação. Conclui-se que a inclusão de mulheres trans no mercado laboral português depende não apenas de legislação protetiva, mas da construção ativa de ambientes profissionais acolhedores e de políticas públicas que enfrentem a transfobia institucional e garantam cuidados integrados à saúde mental. Mulheres trans; Mercado de trabalho; Exclusão social; Saúde mental; Transfobia; Portugal; Interseccionalidade

12.

“São Muitos Armários para Sair Nesta Vida”: Vivências de Homens Gays Brasileiros com HIV no Momento do Diagnóstico e Seus Impactos Biopsicossociais

Iara Teixeira^{1,2}, Felipe Alckmin-Carvalho², Guilherme Welter Wendt³, Henrique Pereira^{2,4,5}

¹ Psychology Research Center, School of Psychology, University of Minho, Braga, Portugal ² Department of Psychology and Education, Faculty of Social and Human Sciences, University of Beira Interior, Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal ³ Health Sciences Center, Department of Medicine and Postgraduate Program in Applied Health Sciences State University of Western Paraná (UNIOESTE), Francisco Beltrão (PR), Brazil. ⁴ Research Center in Sports Sciences, Health Sciences and Human Development (CIDESD), 5001-801 Vila Real, Portugal ⁵ RISE-Health, Department of Psychology and Education, Faculty of Social and Human Sciences, University of Beira Interior, Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal

iarateixeiraint@gmail.com

O estudo teve como objetivo investigar as vivências de homens gays brasileiros com HIV, com ênfase no momento do diagnóstico e seus possíveis impactos biopsicossociais. Trata-se de uma pesquisa clínico-qualitativa, conduzida com 15 participantes entrevistados online por um psicólogo clínico. A análise temática dos dados foi orientada pela Teoria do Estresse de Minoria. Quatro eixos principais emergiram: (1) revelação diagnóstica, (2) estigma social e internalizado, (3) efeitos biopsicossociais de viver com HIV, e (4) gratidão pelos avanços no tratamento e pelo SUS. O diagnóstico foi frequentemente vivenciado como traumático, agravado pela ausência de acolhimento por profissionais de saúde. Relatos comuns incluíram culpa, medo, isolamento social e prejuízos na saúde mental e nas relações afetivo-sexuais, mesmo em casos assintomáticos. O estigma persistente — homofobia e sorofobia — foi identificado tanto na comunidade quanto em serviços especializados, dificultando o acesso ao suporte social e afetando a adesão ao tratamento. Ainda assim, participantes expressaram gratidão pelas terapias antirretrovirais eficazes e pelo acesso gratuito ao tratamento no Brasil. A compreensão desses impactos contribui para o aprimoramento do acolhimento e da escuta empática por parte das equipes de saúde. Conclui-se que é necessário desenvolver políticas públicas que enfrentem o estigma e promovam cuidado integral e sensível às especificidades de homens gays vivendo com HIV. Palavras-Chave: HIV; Homens gays; Estigma; Saúde mental; Brasil; Estresse de minoria; Acolhimento em saúde

13.

Atividade Física, Ansiedade, Depressão e Imagem Corporal em Indivíduos Trans: Um Estudo Exploratório

Joana Oliveira, Ana Ruivo Alves, Diogo Monteiro, Miguel Jacinto, Rui Matos, Nuno Amaro, Filipe Rodrigues, Raúl Antunes

Joana Oliveira - Universidade da Beira Interior (Departamento de Ciências do Desporto); Ana Ruivo Alves - Universidade da Beira Interior (Departamento de Ciências do Desporto) e Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD); Diogo Monteiro - Politécnico de Leiria (ESECS) e Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD); Miguel Jacinto - Politécnico de Leiria (ESECS) e Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD); Rui Matos - Politécnico de Leiria (ESECS) e Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD); Nuno Amaro - Politécnico de Leiria (ESECS) e Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD); Filipe Rodrigues - Politécnico de Leiria (ESECS) e Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD); Raúl Antunes - Politécnico de Leiria (ESECS) e Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD).

joanafeoliveira@gmail.com

Introdução: A atividade física, a saúde mental e a imagem corporal são domínios importantes e fundamentais na promoção da qualidade de vida da população transgénero. No entanto, apesar da crescente produção científica sobre a saúde transgénero, persiste uma lacuna significativa na caracterização aprofundada da população trans, especialmente no que diz respeito à satisfação com a imagem corporal, à sintomatologia ansiosa e depressiva, e aos níveis de prática de atividade física. Neste sentido, o presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre estas variáveis e compreender as suas implicações no bem-estar de pessoas transgénero. **Método:** Num estudo de natureza transversal, participaram 75 indivíduos transgénero portugueses ($M = 23,68$; $DP \pm 6,59$). Os participantes responderam a três questionários validados – o IPAQ para a avaliação dos níveis de atividade física; a HADS para a avaliação da sintomatologia ansiosa e depressiva; e o BISQp para avaliar a satisfação com a imagem corporal. **Resultados:** Os participantes apresentaram um gasto energético total de 3316,40 METs. Verificaram-se níveis moderados de sintomatologia ansiosa e níveis reduzidos de satisfação com a imagem corporal. A satisfação com a imagem corporal apresentou uma correlação negativa estatisticamente significativa com a sintomatologia ansiosa ($r = -0,441$; $p < 0,01$) e com a sintomatologia depressiva ($r = -0,600$; $p < 0,01$). Verificou-se, ainda, que a satisfação com a imagem corporal explicou 40% da variância da sintomatologia depressiva e 24% da variância da sintomatologia ansiosa. **Conclusão:** Os resultados evidenciam a importância de desenvolver programas inclusivos que promovam a aceitação da imagem corporal e o reforço de estratégias de coping, preferencialmente integrados no contexto do exercício

físico. Estes programas poderão contribuir significativamente para a redução da sintomatologia ansiosa e depressiva, bem como para a melhoria do bem-estar de pessoas transgênero.

14.

Género e Geração: Que Representações face às Famílias de Casais do mesmo Sexo?

Filomena Matias dos Santos

Universidade da Beira Interior/Departamento de Sociologia; CIES_ISCTE

namesantos@sapo.pt

Nos últimos anos, uma atenção crescente tem sido dada às famílias de casais do mesmo sexo, que se tornam cada vez mais tema de debate na agenda política e mediática, bem como nas conversas privadas do dia a dia, nomeadamente, em casa de muitas famílias portuguesas (“mãe qual é o problema? Eu disse «nenhum filha...», quando ela ouve falar nas televisões”). Em Portugal, apesar das recentes alterações legislativas, em direção a uma maior inclusão, proteção e afirmação de direitos das minorias sexuais, designadamente em relação ao casamento e à adoção, o exercício da parentalidade por pais gays e mães lésbicas continua a ser alvo de intensas controvérsias, apresentando-se como uma espécie de último «refúgio» da heteronormatividade. Além de ganharem visibilidade, as famílias homoparentais estão, inevitavelmente, no epicentro das lutas políticas, e das suas diferentes interpretações, em torno da dominação masculina e das desigualdades de género. A presente comunicação baseia-se na análise dos dados obtidos através de entrevistas em profundidade realizadas no âmbito do projeto Parent- Procriação e Parentalidade em contexto de baixa fecundidade, mudança familiar e crise económica (2018-2022). Foi feita uma análise de conteúdo temática e categorial dos discursos de mães e pais com MAXQDA 20. Para além da análise do conteúdo das representações sobre casais do mesmo sexo e educação parental, de duas coortes de mulheres e homens (nascidos nos anos 70 e anos 80), num total de 72, que vivem na Área Metropolitana de Lisboa, Região Autónoma dos Açores e Região das Beiras e Serra da Estrela, foi nosso propósito explorar eventuais clivagens sociais, geracionais, de género e regionais. Apesar da persistência de fortes clivagens, sobretudo ao nível do género e geração, os nossos entrevistados mostram, de uma maneira geral, atitudes e representações positivas acerca das competências parentais de casais do mesmo sexo.

15.

Atitudes da ICAR face à Homossexualidade: das franciscanas bipolaridades ao Encantamento e à Síndrome de Estocolmo da comunidade LGBTQIA+

João Paulo Pedroso

Universidade da Beira Interior

paulo.pedroso@ubi.pt

O falecimento do Papa Francisco propiciou a necessidade de olhar para o legado do seu pontificado. Com esta apresentação, levamos a cabo uma leitura analítica e crítica do pontificado de Francisco, no que se refere aos dualismos, bipolaridades, contradições e sutilezas presentes nas narrativas e nas atitudes adoptadas face à homossexualidade. Partindo de uma leitura histórica e sociológica das atitudes homofóbicas da cultura judaico-cristã, mediante a qual a religião se afirmou como uma das principais instituições que desculpam, justificam e legitimam discursos, atitudes e comportamentos preconceituosos e discriminatórios face aos homossexuais, damos especial destaque aos (violentos) poderes simbólicos (Bourdieu) que precedem todo e qualquer exercício de violência física, desembocando numa leitura sobre o carácter dúbio, subtil e contraditório do pontificado de Francisco, apresentado (erradamente, em nosso entender) como um Papa tolerante face à homossexualidade. Será nossa intenção demonstrar que, por detrás dos discursos alegadamente universalistas de Francisco (“Todos, todos, todos!”), se escondem subtis nuances de permanência, reforço e continuidade de uma concepção ou visão profundamente negativa da homossexualidade (entendida como um pecado). Iremos chamar a atenção para os diversos discursos do Papa Francisco, assim como do Catecismo da ICAR (1992), relativamente à homossexualidade, procurando introduzir uma leitura crítica, capaz de revelar as zonas cinzentas ou até obscuras presentes numa narrativa que, ao olhar do cidadão comum, se assume como não condenando a mesma. A análise das posições do Papa Francisco sobre a homossexualidade remete-nos para uma leitura mais prudente sobre a tolerância e a aceitação que têm sido amplamente difundidas, chamando a atenção da comunidade LGBTQIA+ para o facto de esta se estar a deixar seduzir por uma instituição que mantém posições claramente homofóbicas.

16.

Competências do enfermeiro para a prestação de cuidados à Pessoa Transgénero: Dados preliminares

Sara Ramos^{1,2,3}, Mauro Mota^{4,5,6}, Maria Manuela Martins^{1,3}, Madalena Cunha^{3,5,6,7,8}

1 ICBAS- Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, Portugal 2 Serviço de Ortopedia E, Hospital Geral, Unidade Local de Saúde de Coimbra, Coimbra, Portugal 3CINTESIS@RISE, - Center for Health Technology and Services Research, University of Porto, Porto, Portugal 4UICISA: E/ESEnC - Cluster at the Health School of Polytechnic Institute of Viseu, Viseu, Portugal 5 Health School of the Polytechnic Institute of Viseu, Portugal 6 Academic Clinical Centre of Beiras, Covilhã, Portugal 7SIGMA –Phi Xi Chapter, ESEnC, Coimbra, Portugal 8 CIEC-UM, Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho, Braga, Portugal

s_cristina_amos@hotmail.com

A Pessoa Transgénero encara obstáculos no acesso a cuidados de saúde equitativos e sensíveis às suas especificidades. A carência de formação dos enfermeiros em práticas inclusivas continua a ser um fator determinante nas barreiras enfrentadas pelas Pessoas Transgénero. A assistência à Pessoa Transgénero carece de referenciais que orientem os enfermeiros no desempenho de cuidados inclusivos pelo que é crucial identificar as competências essenciais no cuidado à Pessoa Transgénero, para orientar a educação em Enfermagem, a prática clínica e subsidiar políticas de saúde. Métodos: Desenvolveu-se uma revisão Scoping Review, segundo as orientações metodológicas do Joanna Briggs Institute (JBI). Foram incluídos estudos publicados a partir de 2018, nos idiomas português, inglês e espanhol, que abordassem as competências da Enfermagem no cuidado à Pessoa Transgénero, em idade adulta. A pesquisa foi realizada nas bases PubMed, LILACS, Web of Science, Scopus, CINAHL Complete e Cochrane Plus Collection (via plataforma EBSCOHOST). A seleção e extração dos dados foi efetuada por dois revisores de forma independente, com a participação de um terceiro revisor em caso de divergências. Resultados: Os resultados preliminares indicam que as competências de Enfermagem se encontram organizadas em três domínios principais, (1) conhecimentos, como a compreensão pela diversidade de género e das necessidades específicas de saúde da Pessoa Transgénero, (2) atitudes, que envolvem a empatia, respeito pela dignidade e pela identidade de género autodeterminada e (3) habilidades práticas, como a comunicação afirmativa e culturalmente competente, planeamento de cuidados personalizados e promoção de ambientes seguros e inclusivos. Conclusão: Esta revisão pretende evidenciar que o cuidado à Pessoa Transgénero requer competências específicas de Enfermagem, agrupadas em três domínios gerais. Espera-se mapear o conjunto de competências específicas, com vista à sua integração num guia orientador de boas práticas que sustentem práticas inclusivas.

17.

‘Happy to see the inclusivity’: Heterosexual university students’ perceptions of Pride symbols on campus

Nuno Nodin

Department of Psychology, Royal Holloway, University of London

nuno.nodin@rhul.ac.uk

Introdução Universities in the UK and elsewhere have been at the forefront of the display of rainbow flags, with some members of staff also wearing rainbow lanyards, to represent support for LGBTQIA+ people. However, despite their frequent presence in academic contexts, scant attention has focused on perceptions and reactions towards such symbols, particularly of heterosexual and cisgender students. This study aims to address this gap. Método This cross-sectional study collected data using an online survey including closed and open questions. After removal of incomplete surveys, data from LGBTQ+ individuals and non-students, the final sample used for this analysis included 34 heterosexual and cisgender university students. Average age was 30; 76.5% were female and 85.3% were undergraduate students. A variety of religious beliefs was represented in the sample. Content analysis was used to analyze the qualitative data using an inductive approach. Resultados Most participants answered ‘yes’ (52.9%) or ‘somewhat’ (38.2%) to whether they were familiar with the Progressive Rainbow Flag (an image was presented), as well as to what it represents (yes 35.3%; 50% somewhat). When asked, the majority of these participants provided an accurate description of what the flag represents, with some participants displaying high levels of knowledge. When asked how they felt about having this flag displayed on campus, participants’ answers fell into three categories: Indifference, Support and Rejection. To the question ‘How do you feel about staff at university wearing rainbow lanyards?’ answers were more polarised and fell into two categories: Signalling openness, and Indifference. Discussão/conclusão The current study provides a glimpse into heterosexual and cisgender university students’ knowledge and reactions towards the Progressive Rainbow Flag. Identifying points of resistance and negativity towards these symbols within higher education might help identify focal points for inclusive educational practices targeted at students.

18.

Identidades Trans nas Prisões Portuguesas: Desafios, Políticas e Resultados Iniciais

Dayanne Jaques do Mont Serrat Andrade

Faculdade de Direito da Universidade do Porto (FDUP); Centro de Investigação Interdisciplinar em Justiça (CIJ)

up202100329@edu.direito.up.pt

Este resumo é parte de uma pesquisa de doutoramento que tem como objetivo investigar as experiências de pessoas transgênero em situação de privação de liberdade no Brasil e em Portugal, adotando uma abordagem metodológica mista. O estudo contempla entrevistas com pessoas trans encarceradas e com profissionais do sistema prisional, aplicação de questionários socioeconômicos e jurídicos, utilização do Questionário de Clima Prisional, análise de processos individuais e revisão das políticas institucionais e do marco normativo vigente. O foco deste recorte recai sobre o contexto português, onde os dados preliminares apontam para uma expressiva ausência de informações públicas sobre o número de pessoas trans em unidades prisionais. Atualmente, não há dados oficiais da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) que indiquem com precisão a quantidade de pessoas trans em situação de privação de liberdade. Desde 2022, alterações nas diretrizes institucionais passaram a permitir que pessoas trans sejam alocadas em unidades prisionais conforme sua identidade de gênero. Até então, essas pessoas eram encaminhadas a hospitais prisionais ou a estabelecimentos compatíveis com o sexo atribuído ao nascimento. Apesar desse avanço normativo, persistem obstáculos estruturais, como o acesso restrito ao trabalho e à educação, além de relatos recorrentes de práticas discriminatórias. Um dos aspectos mais controversos refere-se à realização de revistas corporais. A legislação portuguesa estabelece que esses procedimentos devem ser realizados por agentes do mesmo sexo da pessoa privada de liberdade. Contudo, a diretriz de 2022 recomenda que o critério adotado seja a identidade de gênero, o que tem provocado resistência por parte de profissionais do sistema prisional. Os resultados preliminares revelam os desafios enfrentados na implementação de políticas penitenciárias alinhadas aos princípios dos direitos humanos, evidenciando a necessidade de diretrizes mais claras, formação específica para agentes prisionais e mecanismos contínuos de supervisão e controle, com o objetivo de garantir a proteção, o respeito e a dignidade das pessoas trans no sistema prisional.

19.

Fatores relacionados com a satisfação sexual em pessoas LGB+: qual o papel da insatisfação corporal e da distração cognitiva durante a atividade sexual?

Andreia A. Manão¹, Patrícia M. Pascoal^{1,2,3}

1 Lusófona University, HEI-Lab: Digital Human-Environment Interaction Labs, Portugal 2 Clínica Universitária de Psiquiatria e Psicologia Médica, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, Lisbon, Portugal 3 PSYLAB, Instituto de Saúde Ambiental (ISAMB), Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, Lisbon, Portugal

andreia.manao@ulusofona.pt patricia.pascoal@ulusofona.pt

Introdução: A insatisfação corporal está associada a problemas emocionais (ex. sintomas depressivos) e a problemas sexuais (ex. distress sexual). De acordo com modelos cognitivos da resposta sexual, a insatisfação corporal pode gerar distrações cognitivas centradas na aparência corporal durante a atividade sexual, comprometendo a satisfação sexual. No entanto, esta relação tem sido pouco investigada em pessoas LGB+. Este estudo pretende analisar a ligação entre insatisfação corporal, distração cognitiva centrada na aparência corporal durante a atividade sexual e satisfação sexual nesta população. **Métodos:** Este estudo transversal online incluiu 165 participantes LGB+ cisgénero (67 mulheres, 98 homens), avaliando insatisfação corporal, distração cognitiva com a aparência e satisfação sexual através de questionários de autorresposta. **Resultados:** Nos homens, verificou-se uma correlação significativa e positiva entre insatisfação corporal e distração cognitiva ($r = .57$), e uma correlação negativa significativa com a satisfação sexual ($r = -.43$). A distração cognitiva também se correlacionou negativamente com a satisfação sexual ($r = -.43$) e mediou a relação entre insatisfação corporal e satisfação sexual. Nas mulheres, apesar da correlação entre insatisfação corporal e distração cognitiva ($r = .56$), não se verificaram correlações significativas com a satisfação sexual. **Discussão:** Os resultados indicam que, embora ambos os géneros apresentem níveis semelhantes de insatisfação corporal e distração cognitiva, o impacto na satisfação sexual parece divergir. As mulheres LGB+ parecem menos afetadas, mantendo níveis elevados de satisfação sexual apesar da insatisfação corporal, possivelmente por se distanciarem das normas sociais de aparência corporal. Já os homens LGB+ parecem ter menor satisfação sexual face a maior insatisfação corporal, possivelmente influenciados por ideais estéticos predominantes na subcultura gay (stress intraminoritário). Torna-se fundamental que profissionais de saúde considerem os contextos socioculturais ao abordar questões de imagem corporal e saúde sexual em pessoas LGB+. Estes resultados reforçam a validade dos modelos cognitivos da resposta sexual, destacando a sua componente sociocognitiva.

20.

Homonegatividade percebida e sofrimento psicológico de homens gays no Brasil: a cor da pele importa?

Renata Della Torre¹, Felipe Alckmin-Carvalho^{1,2}, Iara Teixeira^{1,3}, Jóni Ledo^{1,4}, António Oliveira^{1,4}, Henrique Pereira^{1,4,5}

1 Department of Psychology and Education, Faculty of Social and Human Sciences, University of Beira Interior, Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal 2 School of Nursing, University of São Paulo, São Paulo 01239-020, Brazil 3 School of Psychology, University of Minho, Gualtar Campus, 4710-057 Braga, Portugal 4 Research Centre in Sports Sciences, Health Sciences and Human Development (CIDESD), 5001-801 Vila Real, Portugal 5 RISE-Health, Department of Psychology and Education, Faculty of Social and Human Sciences, University of Beira Interior, Pólo IV, 6200-209 Covilhã, Portugal

renata.torre@ubi.pt

Introdução: A homonegatividade está associada a vários resultados adversos para a saúde física e mental em homens homossexuais. No entanto, a intersecção entre homonegatividade e racismo ainda é pouco investigada no Brasil. O objetivo deste estudo foi avaliar, numa amostra de homens gays brasileiros cisgénero, as associações entre a cor da pele, a homonegatividade, o sofrimento psicológico e as variáveis socioeconómicas. **Método:** Foi avaliada uma coorte de 229 homens gays brasileiros, 151 (66%) brancos e 78 (34%) negros ou pardos. Os participantes preencheram a Escala de Homofobia Internalizada, o Inventário de Depressão de Beck-II e o Inventário de Ansiedade Traço-Estado. **Resultados:** Na amostra geral, foram encontrados níveis elevados de homonegatividade, sintomas de depressão e ansiedade traço e estado, particularmente entre indivíduos jovens e com baixos rendimentos. Os participantes negros e pardos relataram níveis significativamente mais elevados de ansiedade de traço e de estado, mas não de depressão ou homonegatividade. A cor da pele negra e parda foi um preditor de ansiedade de traço e de estado, mas não de homonegatividade ou depressão. **Conclusões:** Os elevados níveis de sofrimento psicológico e de homonegatividade encontrados na amostra geral indicam a importância do desenvolvimento de intervenções preventivas de discriminação racial e preconceito sexual para a comunidade em geral e de intervenções psicoeducativas e terapêuticas para homens gays brasileiros, independentemente da cor da pele. Sugerem ainda a relevância de personalizar estas intervenções para atender às especificidades dos homens gays negros/pardos brasileiros, uma população duplamente exposta ao peso do estigma, considerando a intersecção entre o estigma racial e sexual na realidade sociocultural brasileira.

21.

Um olhar interseccional sobre pessoas LGBTQA+ cristãs e ex-cristãs em Portugal: Desocultar e visibilizar

Catarina Rêgo Moreira, Liliana Rodrigues, Conceição Nogueira

Catarina Rêgo Moreira - Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP), Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) Liliana Rodrigues - Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP), Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP) Conceição Nogueira - Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP), Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP)

catarinamrmoreira@outlook.pt

A existência de pessoas LGBTQA+ e simultaneamente cristãs é um tópico amplamente abordado na literatura internacional, na área da Psicologia, sobretudo ancorado em abordagens teóricas como o conflito de identidade, stress minoritário e trauma religioso. Na última década, verifica-se o uso crescente de novas perspetivas, de forma concomitante ou exclusiva, que abordam o fenómeno a partir de quadros teóricos mais positivos, amplos, complexos e desafiantes, como a integração da identidade, a resiliência, a psicologia positiva, a interseccionalidade, e a teoria queer. Em Portugal, espaço geográfico e socio-cultural com ampla influência judaico-cristã, a literatura no tópico é escassa, permanecendo o desconhecimento e a invisibilidade relativamente à existência de pessoas LGBTQA+ e simultaneamente cristãs. A presente comunicação decorre no âmbito de um projeto de doutoramento em Psicologia que, após mapear o fenómeno na literatura pretende explorá-lo em Portugal. O primeiro estudo empírico deste projeto, de carácter quantitativo, recolheu, através de questionário online, características sociodemográficas de uma amostra não probabilística de pessoas LGBTQA+ cristãs e ex-cristãs, bem como indicadores de saúde mental, conflito religioso, e bem-estar com a vida. Nesta comunicação, serão apresentados os resultados da caracterização sociodemográfica, que cruza diversas categorias além da sexualidade e religião, como idade, identidade de género, raça, classe social, localização no território português, escolaridade, diversidade funcional, orientação política, entre outras, permitindo um olhar interseccional sobre uma amostra rica, ampla e diversa da população em estudo. Assim, pretende-se desocultar o fenómeno, aumentando o conhecimento científico e conferindo existência e visibilidade, em Portugal, a quem se situa em lugares de intersecção pouco esperados, e por isso invisibilizados ou entendidos como não existentes.

22.

Efeitos paradoxais da SIDA na representação social de pessoas homossexuais: uma leitura analítica de campanhas publicitárias comerciais e institucionais

João Paulo Pedroso

Universidade da Beira Interior

paulo.pedroso@ubi.pt

Tal como o racismo, a misoginia e a xenofobia, a homofobia resulta de uma construção social e simbólica de discursos heterofóbicos (aversão à diferença) que, de acordo com Bourdieu, são estruturantes (performativos) por serem estruturados. Originalmente ancorada na misoginia, a homofobia (a)firmou-se através da produção de discursos simbolicamente violentos por parte de três poderosas instituições que se encarregaram de condenar a homossexualidade: um pecado para a Religião, um crime para o Estado e uma doença para a Ciência. Para além do duplo padrão sexual baseado no género, identificado por Keith Thomas (1959), podemos destacar um outro duplo padrão sexual historicamente relevante, baseado na dicotómica representação social do heterossexual (visível e socialmente reconhecida) e do homossexual (invisível e socialmente reprovada). Exceptuando em grandes cidades cosmopolitas, o homossexual encontrava-se submetido a um duro escrutínio confessional, estatal, moral e científico, razão pela qual a sua expressão era oculta(da) e dissimulada. A SIDA tudo mudou introduzindo efeitos paradoxais na representação social do gay, com consequências positivas ao nível da sua humanização. Inicialmente vista como um merecido castigo da natureza ou de Deus, a SIDA transformou o gay numa vítima progressivamente merecedora de empatia. A representação social do gay, estereotipado como aberrante, perverso, depravado e marginal, alterou-se progressivamente à medida que imagens abstractas, distanciadas, irreais e preconceituosas foram substituídas por indivíduos concretos, próximos, reais e conhecidos, integrados em famílias, vizinhanças, comunidades, categorias socioprofissionais... Ao impor a “saída do armário” a milhões de gays, a SIDA transformou a representação social do mesmo, revelando relações amorosas duradouras e laços sociais relevantes, expondo um vasto leque de personalidades, artistas e intelectuais internacionalmente respeitados e aclamados. Progressivamente, a imagem do gay deixou de ser uma figura bizarra à luz de preconceitos homofóbicos profundamente enraizados, para ser substituída (pelo menos parcialmente) por uma mais humana, digna e respeitada. Este contexto de humanização da comunidade homossexual, irá despertar o interesse de grandes empresas que procuram associar as suas marcas à defesa dos direitos humanos e, em concreto, à defesa dos direitos das comunidades LGBTQIA+. Nesse sentido, a nossa exposição procura dar conta das vantagens e das desvantagens associadas à utilização de temáticas LGBTQIA+ nas campanhas de marketing comercial e institucional.

23.

Alianças transfeministas num terreno marcado pelo uso de drogas e o trabalho sexual - Uma abordagem etnográfica

Pedro Vidigal

NOVA FCSH - Universidade Nova de Lisboa

pedrovidigal1999@gmail.com

A presente comunicação remete para uma investigação etnográfica realizada com um grupo de apoio mútuo de mulheres e pessoas não binárias usuárias de drogas e/ou trabalhadoras do sexo, sobreviventes a múltiplas formas de violência. A investigação no terreno psicotrópico e prostitucional do Intendente, em Lisboa, desenvolveu-se de forma progressiva em múltiplos eixos de análise a partir da metodologia de estudos de caso, com entrevistas biográficas e observação no terreno. Será objetivo desta discussão apresentar como são possíveis e ricas as formas de solidariedade, resistência e aliança tecidas a partir de lugares de adversidade. Uma análise transfeminista, baseada na recente literatura teórica produzida nos estudos trans e transfeministas, dá conta da proximidade metonímica entre a figura da trabalhadora sexual e a das mulheres trans como lugares de dissidência da feminilidade. A partir destes lugares de dissidência e (in) visibilidade podemos vislumbrar a emergência de um solo comum de uma luta baseada no reconhecimento das suas alianças interseccionais. Torna-se, assim, possível clarificar os vetores que ligam as vivências transfemininas ao trabalho sexual num contexto marcado pela clandestinidade e a marginalização, em que os percursos de reprodução social dos sujeitos à margem da cis-hetero-normatividade são implicados em formas de sobrevivência e subsistência específicas.

24.

Saúde Mental e estudantes LGBTQIA+ inscrito/as no ensino superior do interior de Portugal

Rafaela Ramalho^{1,2,3,4}, Paula Carvalho^{1,2,3}, Ana Torres^{1,2,3}, Henrique Pereira^{1,2,3}, Amélia Augusto^{1,5}

1- Universidade da Beira Interior; 2- CIDESD - Research Center in Sports Sciences, Health Sciences and Human Development; 3- RISE Health; 4- Beira Serra - Associação de desenvolvimento; 5- CIES - Iscte

rafaela.ramalho@ubi.pt

Introdução: A vivência no ensino superior surge frequentemente associada a mudanças de perspetivas, deslocação do local de residência e de novas exigências, com possível impacto na saúde mental do/as estudantes. A autoperceção da identidade e da orientação sexual pode contribuir para o sofrimento socioemocional, devido ao estigma social, à sensação de pertença e medo de exclusão. O estudo visou avaliar a existência de diferenças na sintomatologia de ansiedade e de depressão em estudantes do ensino superior LGBTQIA+ e heterossexuais. **Método:** Estudo quantitativo, transversal com 990 estudantes, que responderam a um questionário online com questões sociodemográficas e ao Patient Health Questionnaire-9 (PHQ-9) e Generalized Anxiety Disorder (GAD-7). **Resultados:** Observaram-se diferenças estatisticamente significativas entre o género sexual na sintomatologia ansiosa ($H(2) = 73.68, p < .001$) e depressiva ($H(2) = 32.47, p < .001$). O teste de Post-hoc de bonferroni revela diferenças significativas entre pessoas do género feminino e do género masculino em ambos os sintomas ($p < .001$), com sintomatologia mais elevada no género feminino. Entretanto, quando comparados com as pessoas não-binárias não houve diferenças significativas. Relativamente à orientação sexual, observou-se diferenças estatisticamente significativas na sintomatologia de ansiedade ($F(3, 986) = 25.849, p < .001$) e depressiva ($F(3, 986) = 22.190, p < .001$). O teste de Post-hoc de bonferroni revelou diferenças significativas entre bissexuais (M Ans=11.06; M Dep= 12.04) e heterossexuais (M Ans=7.64; M Dep= 8.08), como também entre heterossexuais e outras orientações, não especificado, assexual e pansexual (M Ans=12.81; M Dep= 13.75) em ambas as sintomatologias ($p < .001$). No entanto, não foram encontradas diferenças significativas quando comparados às pessoas homoafetivas. **Discussão:** Com este estudo, verifica-se que os estudantes da comunidade LGBTQIA+ apresentam maior sintomatologia de ansiedade e de depressão, o que reforça a necessidade de desenvolvimento de programas de promoção da saúde mental direcionados a esta população, que visem melhorar a qualidade de vida, adaptabilidade e redução do estigma. Recomenda-se a realização de mais estudos sobre esta temática e esta população no ensino superior português.

25.

Como o Orgulho Gay Protege a Saúde Mental de Homens Gays e Impulsiona a Mudança Social

Allysson Dantas (FP-ULisboa & ICS-ULisboa), Emerson Do Bú (ISCTE-IUL & ICS-ULisboa)

emerson.bu@campus.ul.pt allysson_dantas@hotmail.com

Resumo: Homens gays são seis vezes mais propensos a experienciar episódios de vitimização social em decorrência de sua orientação sexual (e.g., microagressões homonegativas) e possuem o dobro de risco de desenvolverem pensamentos suicidas em comparação a seus pares heterossexuais. Diante desse contexto, nos questionamos se o orgulho gay, uma dimensão afetiva e política da identidade social de homens gays, pode atuar como um fator protetivo contra esses impactos negativos. Para respondermos a essa pergunta, desenvolvemos um programa de investigação pautado na hipótese de que o orgulho gay é um determinante social para o desenvolvimento e a manutenção da saúde mental em homens gays. Especificamente, baseando-se na Teoria da Identidade Social, na Teoria do Estresse Minoritário e na Teoria da Justificação do Sistema, propomos que o gay pride pode ser um construto a ser conceituado e medido, podendo mitigar os efeitos negativos das microinvalidações homonegativas na saúde mental de homens gays e atuar como uma estratégia de competição para a mudança social utilizada por homens gays para desafiar a estrutura social heteronormativa. O programa é então composto por três planos de investigação. No primeiro plano, exploramos a definição operacional e a estrutura fatorial do construto Gay Pride. No segundo plano, examinamos o seu papel moderador na relação entre microinvalidações homonegativas e indicadores de saúde mental em homens gays. No terceiro plano, investigamos como e em que condições o gay pride funciona como uma estratégia competitiva para a mudança do valor social do grupo gay. Os resultados indicam que o gay pride atua como um fator de resiliência minoritária, moderando os efeitos negativos das microinvalidações na saúde mental e mediando ações coletivas para a mudança social do grupo de homens gays.